

## Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial

A Return to Football History in the Capital of Mozambique during the Colonial Period

**Nuno Domingos**

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal  
Doutor em Antropologia Social, University of London

**RESUMO:** Este texto regressa brevemente a um conjunto de questões sobre a história do futebol em Lourenço Marques durante o período colonial, aprofundando algumas dimensões do trabalho de investigação publicado inicialmente em 2012 – *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. São estas, em primeiro lugar, a relação do futebol com a estratificação social, o novo mundo urbano e a formação de identidades sociais; em segundo lugar, a questão da masculinidade em contexto urbano e as transformações das estruturas de poder africanas; em terceiro, o debate sobre a modernidade colonial, expressa originalmente pelo jogo de futebol, e que tem no confronto entre a oralidade e a escrita um dos seus laboratórios mais profícuos; por fim, estas observações encerram com uma reflexão sobre de que modo a história do futebol em Moçambique constitui uma experiência social, performativa e estética útil para questionar o futebol contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Colonialismo; Moçambique; Lourenço Marques/Maputo; Estilo de jogo.

**ABSTRACT:** This text briefly returns to a set of questions about the history of football in Lourenço Marques during the colonial period, deepening some dimensions of the research work I initially published in 2012 – *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. These are, first, the relationship of football with the colonial social stratification, the new urban world and the formation of social identities; second, the question of masculinity in an urban context and the transformations of African power structures; third, the debate about colonial modernity, originally expressed through football's performances, which has in the confrontation between orality and writing one of its most fruitful laboratories; finally, these observations close with a reflection on how the history of football in Mozambique constitutes a social, performative and aesthetic experience useful to question contemporary football.

**KEYWORDS:** Football; Colonialism; Mozambique; Lourenço Marques/Maputo; Style of Play.

## PODER, IDENTIDADE E RELAÇÃO

Como em todo o lado, uma bola em movimento é o princípio provável de uma relação humana. Assim, a biografia de uma bola transportada na mala de um marinheiro, de um missionário, de um professor, de um funcionário público ou de um trabalhador migrante – como os moçambicanos que voltavam regularmente das minas sul-africanas – é quase sempre uma manifestação de sociabilidade e de prazer. Num mundo em transformação, agitado pelas forças do colonialismo, o futebol promoveu o estabelecimento de interdependências. Mas o processo de estruturação da moderna Lourenço Marques – a atual Maputo – que ajudou também a sedentarizar a prática do futebol, alterou a dinâmica de organização da modalidade: os jogos deixaram de ser acontecimentos esporádicos, para se tornarem recorrentes, ocupando um tempo habitual nas vidas dos indivíduos e na modelação do espaço público.<sup>1</sup> Esta regularidade assumiu um padrão informal, composto por jogos entre amigos realizados em terrenos vagos, e outro mais estruturado, organizado por clubes de futebol ou associações, responsáveis pela transformação do futebol num lazer planificado e num espetáculo público.

Quando este processo de institucionalização ocorreu, o jogo deixou de ser tão flexível e espontâneo, no que às trocas humanas diz respeito; as equipas organizadas representam coletivos que quase sempre partilhavam uma condição e um conjunto de interesses. Esta circunstância não retirou ao futebol a capacidade de colocar as pessoas em relação; na realidade, sobretudo devido à estruturação e mediatização do jogo, essa capacidade até aumentou, com a progressiva inclusão de clubes em competições desportivas seguidas pela imprensa e mais tarde pela rádio; a universalidade das regras estimulava uma interação desportiva que podia ocorrer em qualquer escala, num incógnito jogo entre aldeias vizinhas, como numa grande competição internacional; para que essa performance ocorresse bastava apenas o conhecimento básico das regras e de alguns dos movimentos fundamentais do

---

<sup>1</sup> DOMINGOS. *Futebol e colonialismo*. Grande parte das referências a instituições, lugares, momentos e personagens a que aludo neste texto estão presentes neste livro e num conjunto de ensaios publicado noutra edição: *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular*. Ao longo do texto vou escusar-me, a não ser quando se trata de algo muito específico, de citar recorrentemente estas obras.

futebol moderno.<sup>2</sup> E, apesar desta capacidade, a promoção destas interações desportivas parecia reificar os limites dos coletivos sociais que se identificavam com os clubes e que eram representados por estes.

Na Lourenço Marques colonial, o vínculo das equipas de futebol a coletivos sociais de várias ordens foi desde o início do processo de institucionalização bastante sensível. Numa sociedade colonial nova, onde as condições de sobrevivência e estabilidade dependiam muito da organização de grupos de interesses, os clubes de futebol converteram-se com naturalidade em mais um meio de reprodução desses coletivos urbanos. Num sistema político e social profundamente desigual, a organização do futebol reproduziu as linhas que definiam as hierarquias locais, nomeadamente as que separavam os europeus das populações africanas.<sup>3</sup> Em Lourenço Marques, esta foi sempre a maior barreira colocada à capacidade de o jogo de futebol promover contatos humanos. Durante muito tempo, foi apenas no âmbito dos jogos informais, nomeadamente entre crianças cujas famílias viviam nas zonas de transição entre o centro da cidade e o subúrbio, que brancos e negros jogaram em conjunto. E, apesar disto, o futebol, aliás, foi uma das atividades que mais frequentemente juntava europeus – quase sempre os filhos dos chamados brancos pobres – e africanos, sobretudo os jovens que conseguiam partilhar os recintos escolares com os filhos destas populações europeias menos privilegiadas.

No quadro da organização institucional, na capital de Moçambique estas trocas eram quase impossíveis, apesar de alguns filhos das velhas elites mestiças, muitas delas com um estatuto e condição material estabelecidos, jogarem nas chamadas “equipas da baixa” da cidade. Devido a esta política segregacionista foram fundadas na cidade duas associações de futebol, a Associação de Futebol de Lourenço Marques, em 1923, e a Associação de Futebol Africana, em 1924. Esta última associação foi extinta pela administração em 1959, em resultado das políticas de desracialização formal das instituições coloniais portuguesas. Estas procuravam aproximar o conjunto de leis, regras e práticas coloniais das teorias da troca cultural

---

<sup>2</sup> Processo exemplarmente descrito por ELIAS, *A busca da excitação*.

<sup>3</sup> Sobre a história de Lourenço Marques no século XX ver RITA-FERREIRA, *Os africanos de Lourenço Marques*; ZAMPARONI, *Entre Narros e Mulungos*; PENVENNE, *African Workers and Colonial Racism*; ROCHA, *Associativismo e nativismo em Moçambique*; HARRIES, *Work, Culture, and Identity: Migrant Laborers in Mozambique and South Africa*; MORTON, *Age of Concrete*.

arrumadas à volta da proposta teórica lusotropicalista do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Durante décadas, esta dupla organização associativa comprovou a natureza racista e discriminatória do colonialismo português, característica que não desapareceu por decreto após 1959, nem dois anos mais tarde, depois do fim do regime de indigenato.

Um olhar mais detalhado sobre a organização destes dois campeonatos demonstra, porém, como os grupos de interesses que habitavam o terreno colonial em Lourenço Marques eram mais plurais do que o sugerido pela linha divisória entre colonizador e colonizado. Do lado colono, a estrutura do futebol denunciou as lógicas de estratificação entre os clubes das elites administrativas e empresariais, e os que possuíam uma base laboral ou regional, neste último caso vinculados ao local de origem dos seus membros no Portugal metropolitano. Nos subúrbios da cidade a diversidade era maior; nos campeonatos suburbanos competiam clubes muçulmanos de origem distinta, clubes das elites africanas católicas, clubes essencialmente mestiços, clubes fundados no âmbito do trabalho missionário, clubes que juntavam trabalhadores de fábricas, clubes predominantemente constituídos por habitantes de determinados bairros, clubes essencialmente formados por membros de uma etnia. Esta espécie de superestrutura desportiva enunciava que a estratificação social na capital de Moçambique excedia consideravelmente a divisão primacial entre europeus e africanos. Este sistema de diferenças decorria dos próprios efeitos do sistema colonial e das suas políticas de classificação. A organização do futebol em Lourenço Marques ofereceu consistência prática e simbólica a este sistema de diferenciação, contribuindo para a subsistência destas comunidades múltiplas e reforçando, assim, o mosaico identitário.

A força destas identidades no contexto colonial em Lourenço Marques foi realçada por diversos testemunhos orais a que acedi; é indiscutível que, para muitos indivíduos, a pertença a coletivos organizados como um clube de futebol garantiu meios de relação e subsistência, bem como uma segurança material, existencial, afetiva e simbólica. Assim, o futebol, promovendo redes unidas por uma partilha identitária, desempenhou um papel relevante na integração dos indivíduos no espaço urbano da cidade.

Em *Futebol e colonialismo*, o exame deste efeito identitário produzido pelo futebol foi relativamente marginalizado, quando comparado com a importância conferida à interpretação do papel do futebol na construção de uma comunidade suburbana que se ergueu para lá destas diferenças.<sup>4</sup> Dito de outro modo, privilegiou-se nessa análise a investigação sobre como o futebol promoveu interdependências urbanas; como, à medida de outros contextos, forjou uma cultura comum,<sup>5</sup> contribuindo assim para construir comunidades maiores. Se o futebol aparentava separar grupos urbanos, de modo menos manifesto mas muito efetivo, não apenas criou uma cultura popular partilhada e mediatizada, como estimulou as relações práticas quotidianas, ritualizando contactos entre indivíduos que partilhavam a cidade, independentemente da sua origem.

Reconhecendo a importância dos vínculos identitários na fundação de equipas e clubes, estes não eram, ainda assim, absolutamente estáveis; da mesma forma que os grupos sociais são volúveis, nomeadamente no decurso da sua evolução em ambiente urbano, as identificações iniciais, que justificaram a formação de diversos clubes, várias vezes se desvaneceram. Em Lourenço Marques, o futebol moderno não deixou de manter a capacidade, reconhecida pela teoria moderna, de estimular a transformação dessas mesmas relações sociais, alterando as relações entre grupos e, por vezes, contribuindo até para a sua diluição. Os contextos de mudança que empossaram o futebol como marcador de identidades num meio colonial foram os mesmo que simultaneamente o investiram na condição de idioma social de contacto, enquanto meio de coesão e integração social, e promotor de redes e interdependências e novas formas de imaginação do mundo.

Muitos testemunhos insistiram no efeito identitário do futebol na capital colonial de Moçambique, reclamando assim um vínculo enquanto membros de vários grupos; este é sem dúvida um elemento fundamental para o modo como concebem a sua identidade social e a convocam para efeitos de memória futura; e, no entanto, as suas vidas de todos os dias acabam por revelar como o futebol os ligou

---

<sup>4</sup> Recordo-me que esta menor presença da questão das identidades neste livro foi-me referida pelo pesquisador moçambicano Aurélio Rocha.

<sup>5</sup> De modo mais preciso um stock cultural de conhecimento comum, no sentido de BERGER; LUCKMANN, *The Social Construction of Reality*.

a universos sociais mais amplos, que incluíam outros indivíduos e grupos. Mas que comunidades eram estas na capital de Moçambique colonial?

Numa primeira escala, em que se declaravam as desigualdades fundamentais impostas pelo sistema colonial, as comunidades transmutadas na geografia dual de uma cidade como Lourenço Marques: o centro da cidade, por um lado, e os seus subúrbios, por outro, a exteriorização mais visível e rigorosa da situação colonial. No centro, destacava-se a comunidade colona, um universo social progressivamente mais diverso, formado por colonos com origens e condições sociais distintas, mas igualmente por populações de outras naturalidades, como as comunidades goesas – representadas pelo Clube Desportivo Indo-Português na AFLM; a partir da década de 1950, o futebol “da baixa” integrou equipas formadas pela elite mestiça, casos do Vasco da Gama e do Atlético de Lourenço Marques, o que se revelou uma primeira tentativa da administração colonial atenuar a barreira racial e cooptar estratos da população africana, promovendo divisões existentes. Por sua vez, nos subúrbios da cidade, emergiu um conjunto mais diversificado de condições identitárias, muitas vezes sobrepostas, num mosaico onde, na verdade, tornou-se progressivamente mais difícil vislumbrar qualquer coletivo com uma identidade perfeitamente estabilizada.

Num sentido bastante distinto, o futebol associou os habitantes da cidade de Lourenço Marques num outro tipo de comunidade, muito mais vasta, que incluía todos aqueles que, por uma razão ou outra, se sentiam representados pelas próprias redes criadas pelas competições de futebol: o futebol português, europeu, brasileiro e por aí adiante. Esta comunidade de pertença, mais vasta, moderna, e potencialmente global, ligava os indivíduos de Lourenço Marques ao mundo; foi isto que sucedeu a muitos habitantes dos bairros suburbanos. Neste sentido, esta rede era igualmente um meio de pertença e coesão.

Em suma, em linha com análises sobre o papel da cultura popular moderna em contextos urbanizados, em Lourenço Marques o futebol proporcionou uma plataforma de encontros regulares, um espetáculo público local, um repertório de interação que se constituiu como um cimento comunitário e uma imaginação que possuía uma capacidade integradora em várias escalas do quotidiano.

É importante insistir, assim, que o papel do futebol na construção de identidades coletivas em contexto urbano colonial, no quadro do que Max Gluckmann chamou de *multiplex ties*, não é contraditório com um processo de integração mais amplo, no qual o futebol ajudou a criar o que o sociólogo Mark Granovetter designou pela “força dos laços fracos”;<sup>6</sup> estes laços, aparentemente mais frágeis, eram na verdade eixos práticos e simbólicos fundamentais para coexistência individual e coletiva na vida urbana moderna, tão relevantes para reforçar a coesão social num contexto colonial, precário e violento. A pertença identitária contribuiu para estimular a participação urbana, já que estas identidades ganhavam sentido no encontro com o outro; esta troca urbana desafia uma perspetiva identitária do espaço de Lourenço Marques sob domínio colonial português: quanto mais se exigiam trocas, mais as identidades surgiam como formas de apresentação do eu na vida quotidiana, para citar uma conhecida expressão do sociólogo americano Erving Goffman.<sup>7</sup> E, no entanto, na ordem da interação em Lourenço Marques, estas identidades apoiavam a criação de uma rede de relações mais complexa, que juntava diariamente indivíduos de origem e condição distinta, obrigados a coexistir na cidade colonial.

Entretanto, a própria experiência urbana contribuiu por delapidar estas identidades: a força transformadora de mobilidades várias, a participação em espaços coletivos, das escolas aos locais de trabalho, passando pelos espaços de lazer, erodiram as fronteiras destes coletivos, como se verificou, por exemplo, na fisionomia das estratégias matrimoniais. É também verdade, porém, que o sistema colonial em Moçambique atrasou significativamente este processo, já que instrumentalizou politicamente as pertenças identitárias, moldando-as pela intervenção discricionária do Estado e pela organização do mercado de trabalho.

No âmbito mais restrito do universo do futebol, a progressiva tendência para a profissionalização, inerente à lógica do chamado processo de desportivização, tratou de criar uma mobilidade laboral que abalou alguns dos fundamentos identitários das equipas e dos clubes, bem como das suas massas adeptas.<sup>8</sup> Para

<sup>6</sup> GLUCKMAN. Custom and Conflict in Africa; GLUCKMAN, *Essays on the Ritual of Social Relations*, 1962; GRANOVETTER, The Strength of Weak Ties.

<sup>7</sup> GOFFMAN. *Apresentação do eu na vida de todos os dias*.

<sup>8</sup> ELIAS. *A busca da excitação*.

oferecer um exemplo ainda hoje muito saliente, a grande notoriedade dos clubes portugueses em Moçambique não é explicável sem se considerar como foram permeáveis ao talento dos africanos de Lourenço Marques. Ao proporcionarem um lugar a estes jogadores, os clubes tornaram-se objetos da representação de adeptos que, nas suas trajetórias diárias na cidade colonial, continuavam política e geograficamente limitados.<sup>9</sup> De certa forma, no período do colonialismo tardio, os clubes de futebol foram mais abertos do que qualquer outra instituição que representava, tanto nas colónias como na metrópole, o poder português.<sup>10</sup>

### MASCULINIDADE EM AÇÃO

Outra dimensão de análise insuficientemente trabalhada em *Futebol e colonialismo* é a relação entre futebol e masculinidade na renegociação dos estatutos sociais nos subúrbios da cidade colonial.<sup>11</sup> Nesta colónia portuguesa, como por todo o lado, o jogo afirmou-se como um espetáculo de celebração masculina. As mulheres foram afastadas de qualquer participação institucional no desenvolvimento do jogo – o clube de futebol rapidamente se constituiu como um dispositivo de afirmação da dominação masculina, dado que na sua organização, desde os órgãos diretivos às equipas propriamente ditas, os seus membros eram invariavelmente homens.

Neste contexto masculino, o futebol contribuiu para a reconfiguração das relações intergeracionais nos bairros suburbanos de Lourenço Marques.<sup>12</sup> Nos novos ambientes urbanos coloniais, que afrontaram a organização dos sistemas políticos e sociais africanos e os seus princípios hierárquicos, onde a senioridade prevalecia, o futebol estimulou a mudança. Este novo espetáculo moderno beneficiava os jovens atletas, aqueles com maior disponibilidade física para o jogo, os que eram celebrados pelo público entusiasmado. O seu talento representava

---

<sup>9</sup> Esta tendência para a diluição identitária apenas não sucederá num contexto em que as lógicas conflituais se revelem tão fortes que o futebol apenas se torna uma linguagem simbólica da violência e da separação extrema.

<sup>10</sup> DOMINGOS. *Football in Lusophone Africa*.

<sup>11</sup> Esta relação é reconhecida por diversos autores, exemplo de ARCHETTI, *Masculinities*, mas igualmente no contexto africano, ver, por exemplo, ALEGI; TIMBS, *The Izichwe Football Club: Youth, Sport and Masculinity in Pietermaritzburg, South Africa*.

<sup>12</sup> RITA-FERREIRA. Os africanos de Lourenço Marques.



comunidades e mais especificamente os adeptos pertencentes a grupos de interesses e coletivos sociais, o que enobreceu e responsabilizou uma performance desportiva cada vez mais mediatizada. Além disso, nomeadamente a partir dos anos de 1960, o jogo proporcionou a alguns atletas uma inédita estabilidade material – dando acesso a outros empregos – que libertou muitos jovens de amarras sociais e das deferências hierarquias que herdaram por tradição.<sup>13</sup>

Esta afirmação pública da masculinidade manifestou-se igualmente no desenvolvimento do estilo de jogo dominante nos campos dos subúrbios de Lourenço Marques. Em *Futebol e colonialismo* argumentei que este estilo de jogo, descrito pelo poeta e jornalista José Craveirinha<sup>14</sup> como um espetáculo intenso, violento, composto por gestos intimidatórios e por movimentos habilidosos executados por celebrados malabaristas, era uma representação prática dos valores que envolveram o crescimento precário e contencioso da periferia colonial; a malícia deste jogo, palavra que Craveirinha usou para sintetizar as principais características deste espetáculo local, era então uma celebração prática das estratégias de sobrevivências prevaletentes nos bairros dos subúrbios, uma representação corporal do próprio subúrbio.

Este estilo de jogo era igualmente um meio para os jovens adultos se afirmarem nestes contextos, de reclamarem um lugar neste mundo social, o que implicava igualmente um conflito com a estruturação tradicional do poder constituída à volta das relações entre gerações. Os mais novos constituíam a maioria da força de trabalho e aquela mais relevante para as necessidades coloniais. A economia moderna do espetáculo, no entanto, iria conceder-lhes um outro estatuto. No campo, destacavam-se pela força física, pela intimidação, mas também pelo talento. Nas ruas dos bairros suburbanos, muitos jovens libertos dos vínculos

---

<sup>13</sup> CRAVEIRINHA. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação.

<sup>14</sup> José João Craveirinha nasceu em Lourenço Marques, em 1922. Poeta consagrado, jornalista, colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente em *O Brado Africano*, no *Itinerário*, no *Notícias* e no *Notícias da Tarde*, na *Mensagem*, no *Notícias do Bloqueio* e no *Caliban*. Nestas colaborações, o desporto foi um dos seus temas mais recorrentes. Foi funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Jogou futebol em clubes de Lourenço Marques. Foi preso pela PIDE e ficou encarcerado durante cinco anos. Após a independência de Moçambique foi membro da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e presidiu à Associação Africana. Foi Prémio Camões em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da língua portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, *Xibugo*, data de 1964.

tradicionais contavam sobretudo com o seu trabalho e capacidade para navegar a cidade colonial. Para estes jovens homens, muitos vezes organizados em gangues, a violência e a intimidação passaram a ser um capital de sobrevivência quotidiano. As forças da ordem colonial preocupavam-se em zelar pelo bem-estar dos europeus e por prevenir possíveis subversões políticas no subúrbio, e em especial depois do início da guerra colonial, em 1964. Mas mostravam-se bastante mais permissivas em relação aos problemas existentes entre os africanos. Assim, a necessidade de defesa constituía-se como uma das preocupações mais salientes para as populações das periferias. Estas eram as condições ideais para a imposição de uma masculinidade viril, publicamente desafiante, em parte liberta de deveres coletivos e, por isso, mais individualista. Um espetáculo muito apreciado localmente como o futebol serviu, de modo singular, a afirmação desta masculinidade. No teatro do jogo, este comportamento revelava-se no quadro prático e simbólico instituído pelas regras performativas locais e pela sua estética particular.

#### MODERNIDADE EM TENSÃO

A apropriação do futebol pelo subúrbio colonial foi um laboratório do choque entre modernidade e tradição. Em certa medida, o estilo de jogo desenvolvido no subúrbio de Lourenço Marques era o resultado singular desta tensão. Uma das suas características era a possibilidade de o futebol local beneficiar da flexibilidade na interpretação das leis do jogo. O futebol promovido pela Associação de Futebol Africana e pelos seus clubes nos subúrbios de Lourenço Marques seguia as leis universais supervisionadas pelo *International Board*. Esta era a condição de modernidade perfilhada pelas elites africanas que lideravam esta institucionalização. Inspirados pelos campeonatos africanos desenvolvidos na vizinha África do Sul,<sup>15</sup> a AFA e os seus clubes desejavam praticar o jogo universal, inserindo-se, assim, na grande comunidade do futebol global, e revelando desta forma ao colonizador a humanidade que este lhes negava, ao remetê-lo para os mundos culturais pretensamente herméticos e atrasados a que pertenceriam.

---

<sup>15</sup> Sobre a história do futebol na África do Sul ver ALEGI, *Laduma*.

Mas na prática, esta versão universal do *association* foi ajustada à economia moral suburbana. A fragilidade da lei e do indivíduo – o árbitro – com a função de aplicar constituiu-se como um princípio da performance e da sua fisionomia estética, já que concedia espaço para os jogadores executarem movimentos – nomeadamente violentos – que violavam a lei. Estas condições tornavam o jogo perigoso, mas também um terreno para os chamados malabaristas revelarem a sua capacidade de ludibriarem este perigo.

O estilo de jogo que se desenvolveu nos subúrbios de Lourenço Marques é um objeto particular para pesquisar a relação entre escrita e oralidade no contexto do colonialismo; um exemplo da relação tensa entre o novo mundo da escrita, que definia pelo livro os limites regulamentares do *football association*, e a tradição oral que nas sociedades africanas se instituiu como meio de sociabilidade, mas igualmente como forma de regular o quotidiano e resolver conflitos e disputas.<sup>16</sup> A aplicação das regras do futebol moderno não mudou por decreto as práticas assimiladas pelos jogadores do subúrbio e que inevitavelmente trouxeram para o jogo. Como as leis escritas no sentido mais amplo, a lei do futebol possuía poucas condições para refazer radicalmente as disposições e visões do mundo dos jogadores, embora na verdade tenha tido o poder suficiente para as desafiar e transformar.

Na conhecida análise de Jack Goody ao poder da escrita modificar a relação dos indivíduos com a sociedade envolvente, inicialmente publicada em *A lógica da escrita*, o antropólogo refere que a escrita conduz o domínio de qualquer discussão da boca para a mão, o que implicava a perda da autoridade verbal face a uma autoridade fixada pelo texto.<sup>17</sup> No futebol dos subúrbios de Lourenço Marques foi visível o choque criativo entre estas duas racionalidades. A apropriação suburbana do futebol moderno, um jogo fundado pela intenção de cumprir com rigor a "letra da lei", criou uma soberania que expressava em primeiro lugar a lógica "do espírito da lei". Na realidade, o "espírito da lei" passou a definir contenciosamente a lei de facto que governava o jogo: o futebol dos subúrbios de Lourenço Marques criou a

---

<sup>16</sup> Esta reflexão foi desenvolvida mais aprofundadamente em Domingos, *Das relações entre escrita e performance* (2014).

<sup>17</sup> GOODY. *A lógica da escrita*.

sua própria lei que era negociada no imediato do jogo e com a participação intensa do público. A situação expressava a ideia sublinhada por Goody em relação às resoluções de disputas em sociedades predominantemente orais: “a argumentação e os debates fazem parte da sua essência”.<sup>18</sup> Nos jogos de futebol suburbanos as discussões eram permanentes, conduzindo a paragens constantes, um dos aspetos da cadência do espetáculo local. A força da oralidade disputava a realidade dos acontecimentos dentro do campo, analisando o particular e não o abstrato, como era comum nas tradições orais, e ao contrário da lógica da escrita.

Mas como argumentou Goody, “falar contra (contra dicere) é uma coisa, escrever contra é outra. Pois não se trata simplesmente de uma questão de circulação e de pertinácia: a contradição adquire uma dimensão diferente quando um texto é utilizável como instrumento de comparação”.<sup>19</sup> E é neste sentido que a contestação verbal à realidade definida pelas leis do futebol moderno e pelo juiz – o árbitro – que as interpretava se encontrava inevitavelmente limitada. No momento dos jogos, as tentativas de resolver disputas pela discussão oral reivindicavam sempre o modo mais correto de interpretar a lei. Dito de outra forma, à oralidade restava resistir, moldando uma ordem já dominante imposta pela escrita. Como notou Goody, a propósito das questões das disputas judiciais: “Isto passa-se porque as contradições se tornavam mais ‘óbvias’ e mais ‘exactas’ quando colocadas lado a lado; isso significa muitas vezes o serem retirados do contexto, que é, como qualquer autor sabe, uma falsificação”.<sup>20</sup>

Desta tensão surgiu o estilo de jogo dos subúrbios de Lourenço Marques. Como os regulamentos do futebol moderno previam que as disputas típicas do jogo fossem solucionadas pela capacidade de abstração da lei, interpretada, já com alguma margem para interpretações, por um árbitro, o jogo de futebol desafiava significativamente o costume em que haviam crescido muitos dos jogadores. A estes restava o uso do seu poder de argumentação, por vezes de forma tão veemente, e suportada por um público que partilhava as mesmas práticas e mundividências, que a lei adquiria uma inusitada flexibilidade. Este contexto é também relevante para

---

<sup>18</sup> GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184.

<sup>19</sup> GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184.

<sup>20</sup> GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184-5.

interpretar o recurso por parte dos jogadores, treinadores e dirigentes às tradições do curandeirismo e da feitiçaria para influenciar o rumo do jogo. Os diversos rituais realizados para determinar os acontecimentos dentro de campo, conduzidos por especialistas, curandeiros ou feiticeiros que no contexto do futebol suburbano eram designados por *vôvôs*, eram acompanhados por promessas verbais. Recorrendo mais uma vez a Goody, este refere que “o juramento, praga, feitiço e bênção são expressões para as quais a boca adquire uma significação especial”.<sup>21</sup> Em vários testemunhos de antigos jogadores dos subúrbios de Lourenço Marques se relatou como a oralidade definia o poder da prática, “temos *vôvô* e vamos usá-lo”, ou de modo mais significativo, a frase que legitimava o poder destas crenças e sobretudo dos seus praticantes: “*vôvô* disse”.

Ainda noutro sentido, os gestos predominantes no futebol desta periferia colonial, coligidos pelo poeta e jornalista José Craveirinha em uma das suas crónicas em *O Brado Africano*, eram verbalmente assinalados por jogadores e pelo público.<sup>22</sup> *beketela*, *pandya*, *tyimbela* ou *wandla* eram algumas das expressões, não escritas, que definam os ritmos e os momentos do jogo local, um exemplo da resistência da oralidade face ao poder da escrita. Mais uma vez, no entanto, o mundo de significados e emoções criado pela partilha destes significados, era inevitavelmente vigiado pela realidade construída pela lei, motivo constante de comparação e de limitação à criatividade e flexibilidade próprias da oralidade.

<sup>21</sup> GOODY. *A lógica da escrita*, p. 173.

<sup>22</sup> CRAVEIRINHA. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação. “*Pandya*: (Lê-se *pandja*) Enquanto em português não temos palavra que exprima o momento em que os pés dos jogadores ao disputar a bola, chutam nela simultaneamente, e causam um som característico pelo impacto, o desportista africano criou a palavra *pandya* a qual traduzida à letra quer dizer rachar, ou rebenta! Este termo entrou já na gíria portuguesa local; *Beketela*: O jogador que prevê a entrada de um adversário e apoia o seu pé na bola de maneira a provocar o choque que muitas vezes causa traumatismos graves a quem chuta e quase sempre a sua queda. A palavra traduzida significa: pôr. O *beketela* é usado com maldade colocando-se o pé um pouco acima da bola de modo a que a perna (região do tornozelo e canela) vá chocar-se no pé firmado na bola pelo calcanhar. Há o *beketela* *henlha* – pôr no ar – e o *beketela* *hansi* – pôr em baixo; *Wandla*: É o atrasar-se de propósito no lance de maneira que o adversário chute primeiro mas com o próprio impulso vá roçar fortemente a parte compreendida pela canela nas traves da bota aparentemente inofensiva no ar. Tradução: descascar”; *Tyimbela*: (*tchimbela*) O fazer de um adversário alvo da bola chutada com a máxima violência para sua intimidação em futuras jogadas em que se pode ganhar o lance só com a ameaça de chutar, o que quase sempre leva o visado a dar as costas à bola, sendo depois driblado com a maior da facilidade”.

## A NATUREZA DO FUTEBOL

Ao analisar estes choques entre tradição e modernidade não se deseja promover uma perspetiva teleológica, como se este choque fosse apenas a antecâmara da vitória da escrita sobre a oralidade, ou, de outra perspetiva, da vitória de uma ideia de jogo europeu sobre o jogo africano dos subúrbios de Lourenço Marques. Não existe uma linha evidente de progresso entre um futebol contemporâneo e moderno e um estilo de jogo considerado ultrapassado e atrasado, que não seria mais do que uma relíquia cultural. Tal perspetiva anularia um conjunto de características do estilo suburbano que têm dimensões mais universais. Neste sentido, importa olhar para este estilo de jogo local não apenas como um registo de algo que passou, mas enquanto um exemplo histórico que se pode converter numa interrogação prática ao futebol moderno, sobre a qual fará sentido realçar alguns aspetos. Estes relacionam-se com os princípios que emergem da apropriação singular deste jogo no Moçambique colonial, mas que na realidade podem ser observados em inúmeros outros contextos.<sup>23</sup>

Talvez a mais relevante seja a celebração de uma estética anti-utilitária, anti-económica no sentido inerente aos princípios de racionalização económica para quais os fins são soberanos. No caso do futebol, a vitória enquanto valor absoluto que governa os corpos e as suas intenções. Ora, o estilo de jogo dominante nos subúrbios de Lourenço Marques privilegiava gestos, momentos e ritmos relativamente autónomos deste objetivo final. Este sistema de valorização está muito presente nos testemunhos de antigos jogadores e adeptos locais. As suas memórias consistem na recordação da história de clubes, jogadores, jogos e momentos específicos, e são acompanhadas por juízos morais e estéticos. Nestes relatos as vitórias, a essência do jogo moderno e a base fundamental da sua racionalização, não adquirem um estatuto dominante, a não ser quando são acompanhadas pela celebração dos meios que as tornaram possíveis; dito de outra forma, de per si, a vitória não é um elemento fundamental nos processos de recordação da história deste futebol suburbano. Em alternativa, o que se destaca

---

<sup>23</sup> DAMO. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política, 2019.

como elemento fundamental de apreciação é a performance, as componentes do estilo de jogo, consideradas pelos testemunhos como o que mais significativo há no futebol. Acumulam-se, então, relatos sobre os intérpretes mais extraordinários (nem sempre os mais vitoriosos) e isolam-se momentos muito concretos de relação dos jogadores com a bola. Nesta economia afetiva da memória, ganhar não basta, e às vezes nem é estritamente necessário. É importante insistir que a valorização deste estilo de jogo não sugere que o futebol suburbano em Lourenço Marques se regia por lógicas distintas do futebol moderno, sobretudo quanto à importância da vitória, mas que apenas se constituía como uma declinação situada desta performance.

O estilo de jogo criado nos subúrbios de Lourenço Marques produziu uma estética própria, muito ligada às condições de crescimento do subúrbio colonial. Assim, a valorização dos processos do jogo tem uma dimensão histórica e contextual inscrita na história social dos bairros do subúrbio, já descrita sumariamente neste texto. Noutro sentido, porém, algumas das suas dimensões apresentam um carácter mais universal, nomeadamente no que à sua dimensão anti-utilitarista diz respeito, genericamente desvalorizada pelos sistemas de classificação dominantes no futebol moderno, no contexto dos quais o resultado é o valor predominante. Este modelo de avaliação do jogo presente nas memórias destes adeptos e jogadores moçambicanos não é certamente único, não representa também os sentidos últimos de uma performance atrasada e ultrapassada, dependente de circunstâncias únicas. Pelo contrário, este princípio e avaliação anti-utilitarista – ou talvez de forma mais exata, diversamente utilitarista – é passível de se constituir num elemento ativo nas lutas contemporâneas pela definição do futebol. Neste sentido, a ideologia inerente a este estilo de jogo é um meio para discutir a racionalização moderna do futebol, pressionando dirigentes, treinadores, jogadores, jornalistas e adeptos a pensarem distintamente a modernidade do jogo. Desta forma, o estilo de jogo dominante nos subúrbios de Lourenço Marques, mais do que um vestígio de uma cultura inevitavelmente condenada, é, à medida de outras experiências do futebol, o laboratório de uma outra troca prática e simbólica pela qual valerá a pena lutar.

O acesso a esta estética situada é mediada por descrições orais e escritas, certamente menos sugestivas que o poder das imagens. Mas o próprio futebol moderno, registado em imagens, possibilita, caso o olhar do espetador se concentre sobre alguns momentos do jogo, redefinir os padrões da sua avaliação. Isso é evidente quando, em canais de visualização de vídeos, podemos fragmentar momentos de jogo, alguns gestos – dribles, passes, receções, defesas – concedendo-lhes a autonomia estética e performativa que merecem, relativizando assim a soberania do resultado, e permitindo aproximar-nos, na realidade, da lógica dos processos de apreciação moral e estética como os presentes nos jogos dos subúrbios africanos de Lourenço Marques.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALEGI, Peter. **Laduma: Soccer, Politics and Society in South Africa**. Natal: University of Kwazulu-Natal Press, 2004.
- ALEGI, Peter; TIMBS, Liz. The Izichwe Football Club: Youth, Sport and Masculinity in Pietermaritzburg, South Africa, **Journal of Southern African Studies**, 45:5, 2019, p. 963-80.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina**, Oxford, Berg, 1999.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality**. New York: Anchor Books, 1967.
- CRAVEIRINHA, José. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação. **O Brado Africano**, 12 fev. 1955, p. 8.
- DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2019.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- DOMINGOS, Nuno. **As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- DOMINGOS, Nuno. **Football in Lusophone Africa, in Oxford Research Encyclopedia of African History**. Oxford University Press, 2020.



DOMINGOS, Nuno. Das relações entre escrita e performance: o futebol em Moçambique colonial. **Projeto História**, n. 49, São Paulo, p. 1-31, 2014.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

GLUCKMAN, Max. **Essays on the Ritual of Social Relations**. Manchester: Manchester University Press, 1962.

GLUCKMAN, Max. **Custom and Conflict in Africa**. Oxford: Blackwell, 1955.

GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida de todos os dias**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

GOODY, Jack. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Ed. 70, 1987.

GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. In: **American Journal of Sociology**, v. 78, Issue 6, (maio, 1972): 1360-1380, 1973.

HARRIES, Patrick. **Work, Culture, and Identity**: Migrant Laborers in Mozambique and South Africa, c. 1860-1910. Portsmouth, NH: Heinemann, 1993.

HEDGES, David. (Coord.) **História de Moçambique**, v. II. Maputo: Livraria Universitária de Maputo, 1999.

MORTON, David. **Age of Concrete**: Housing and the Shape of Aspiration in the Capital of Mozambique. Athens: Ohio University Press, 2019.

PENVENNE, Jeanne Marie. **African Workers and Colonial Racism**: Mozambican Strategies and Struggles in Lourenço Marques, 1877-1962. London: James Currey, 1995.

RITA-FERREIRA, António. Os africanos de Lourenço Marques. In: **Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique/Instituto de Investigação Científica de Moçambique**, v. 9, série C (1967-1968), 95-491.

ROCHA, Aurélio. **Associativismo e nativismo em Moçambique**: contribuição para o estudo das origens do nacionalismo moçambicano (1900-1940). Maputo: Promédia, 2002.

ZAMPARONI, Valdemir. **Entre Narros e Mulungos**: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques, c. 1890, c 1940. (Tese). Doutorado em História Social junta da Faculdade de Filosofia. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

\* \* \*

Recebido para publicação em: 01 set. 2020.

Aprovado em: 11 nov. 2021.